

16 de outubro de 2020

Boletim n. 08 – A questão étnico-racial em tempos de crise

No Boletim n. 08, *Aloir Pacini (UFMT)* relata a batalha travada pelos indígenas Xavante e Bororó por sobrevivência em tempos de pandemia, frente ao abandono do Estado e aos constantes ataques às suas culturas, bem como, ao roubo de suas terras. O relato das alterações do cotidiano e das práticas tradicionais desses povos, decorrentes da Covid-19, que já levou mais de 50 vidas entre os povos A'uwe (Xavante), é um convite à reflexão e uma oportunidade de nos aproximarmos da realidade das populações indígenas do Brasil.

A batalha A'uwe (Xavante) em Mato Grosso

Por Aloir Pacini



Foto: Adolescentes A'uwe Uptabi (Xavante) levando o corpo de Dom Pedro para o sepultamento (São Félix do Araguaia, 12/08/2020). Foto por Coletivo Casaldáliga Causas. Disponível em: <https://casaldaliga-causas.org/pt-br/blog/2020/09/07/o-enterro-de-casaldaliga/>, acesso em 12 de outubro de 2020.

Todos os dias somos lembrados das abruptas mudanças causadas em nossas vidas pela pandemia que chegou: escolas fechadas, trabalhos remotos, fronteiras interdidas, barreiras sanitárias etc., e milhares de vidas vão se perdendo ao redor do mundo. Sabíamos que o novo coronavírus não escolhia cor, sexo, gênero ou etnia: mas agora fica mais evidente que existem condições socioculturais, políticas e econômicas que

16 de outubro de 2020

Boletim n. 08 – A questão étnico-racial em tempos de crise

predispõem a população de risco de uma forma mais dramática, como os povos indígenas.

Apesar das subnotificações gritantes nos dados oficiais, foram registrados 36 óbitos entre os *A'uwe*¹, e sabemos quem são; conhecemos seus nomes, famílias e etnias, pois não são somente um número na tabela. A pandemia atingiu os *A'uwe* de modo mais dramático, pois têm o maior número de perdas de vidas para o coronavírus no Mato Grosso. Um alerta foi dado no dia 10 de junho 2020 e outro no dia 25 do mesmo mês.² Os indígenas criaram barreiras sanitárias, pois Marãiwatséde é a terra *A'uwe* mais invadida e desmatada, o que impacta nos cuidados necessários frente à pandemia, pois mesmo sabendo do seu direito à saúde, há uma desconfiança em relação às intenções do Estado.

Depois da *Força Tarefa* vinda do governo federal para atuar na Terra Indígena (T.I.) São Marcos, a próxima etapa foi abortada pela posição segura dos caciques e de suas aldeias. Estava previsto acontecer de 3 a 9 de agosto o trabalho na área do Polo Base Marãiwatséde, mas foi enviado um documento mostrando que quando precisaram de socorro, esse não aconteceu e essas ações que são complexas teriam pouca efetividade na continuidade dos trabalhos sanitários na região.

Um dos motivos para o abandono da força tarefa certamente foi a notícia que saiu no dia 31 de julho de 2020, com o seguinte título *Produtores rurais pedem na Funai anulação de demarcação de terra Xavante homologada em 1998*.³ A demarcação da Terra Indígena Marãiwatséde, nos municípios de Alto Boa Vista, Bom Jesus do Araguaia e São Félix do Araguaia (MT), foi homologada em 1998, o que forçou a mudança no traçado da BR 158, que não iria mais passar por dentro dessa terra. Por isso, os produtores rurais querem a anulação do decreto que homologou a T.I. O impasse estava dado, pois a *Força Tarefa* retornou no dia 10 de agosto de 2020 para atender a T.I. Sangradouro que também se posicionou contra a ação midiática do governo, usando-se do *staff* militar para isso.

Outro motivo para isso pode ter sido a publicação de áudios preconceituosos e racistas contra os indígenas divulgados por WhatsApp contra os Bóe (Bororos) e *A'uwe* na região do Distrito de São José do Couto, município de Campinápolis e General Carneiro⁴.

¹ O cacique Domingos Mâhõrõ, de 60 anos, foi a 36ª vítima do coronavírus entre os *A'uwe*, sepultado no dia 06 de julho de 2020 (<https://redearboviroses.fiocruz.br/o-globo-rio-de-janeiro-rj-brasil?page=69>) e Lúcio Xavante comunicou em 09/08/2020 que já são 51 mortes entre os *A'uwe*.

² Ver Pacini: *Bem morrer é um alerta para o Bem viver; Em tempo de pandemia, obedecer aos médicos*. Disponível em : <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/600257-em-tempo-de-pandemia-obedecer-aos-medicos-artigo-de-aloir-pacini>.

³. Matéria disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2020/07/31/produtores-rurais-pedem-na-funai-anulacao-de-demarcacao-de-terra-xavante-homologada-em-1998-presidente-da-cdhm-pede-providencias-ao-ministerio-publico/>. O presidente da CDHM pediu providências ao Ministério Público porque chegou a denúncia de que tramita, na Procuradoria Federal Especializada da Funai, um procedimento administrativo que tem um requerimento da Associação dos Produtores Rurais da Suiá Missú de Alto Boa Vista endereçado ao presidente da República, Jair Bolsonaro, questionando pontos da demarcação.

⁴ Os áudios reproduzem falas que demonstram irritação e preconceito para com os *A'uwe* que levam seus filhos para estudar no Distrito de São José do Couto, município de Campinápolis. Em General Carneiro, a conversa é

16 de outubro de 2020

Boletim n. 08 – A questão étnico-racial em tempos de crise

Libério Uiagumeareu (Bóe), formado em Direito pela UFMT, denunciou essas atitudes junto ao Ministério Público Federal e à Procuradoria Geral da República como difamação, calúnia e discriminação.

Nesse contexto, foram intensificados os rituais tradicionais A'uwe, sobretudo de cura e de afastamento dos maus espíritos. O Padre Eloir Inácio de Oliveira, salesiano que trabalha com os A'uwe, através de um manuscrito produzido durante seu trabalho, informou-nos que no dia 28/07/2020 os A'uwe da aldeia Telavive, na T.I. Parabubure, cercaram toda a aldeia com uma barreira sanitária inclusive para que os curiosos não conseguissem ver a aldeia da estrada:

Os Xavante dessa aldeia foram os primeiros e os únicos, até agora, que construíram recentemente uma cerca com folhas de babaçu, com um portão de controle da entrada. Não estão deixando entrar nem mesmo a equipe de saúde, porque desconfiam que os membros desta podem estar contaminados; só a deixam entrar em alguns casos.

Outros detalhes etnográficos interessantes estão relacionados com os sepultamentos e as percepções dos caixões dos falecidos pelo coronavírus. Assim, segue a narrativa de Padre Eloir:

Há comentários e suspeitas entre os Xavante de que órgãos internos do casal Xavante Eduardo Tseremeywa Orebewe e Ângela Ro'otsitsimro Tsupto, pais do Crisanto Rudzö Tseremeya, da aldeia Três Marias, na T.I. Parabubure, falecido por COVID-19, teriam sido retirados no hospital antes de serem despachados para o sepultamento na aldeia.

E, ainda segundo o Padre Eloir, outros casos “estranhos” estariam acontecendo na aldeia Córrego da Mata, na T.I. Parabubure, e na aldeia central de Marãiwatsédé:

Os Xavante que carregaram o caixão perceberam que o mesmo estava muito pesado. Teriam aberto o caixão e encontrado muita água junto com o corpo. Também na aldeia Marãiwatsédé, os Xavante que carregavam o caixão da anciã Mônica até à cova teriam estranhado o exagerado peso do mesmo, diferentemente dos outros que já tinham carregado. Não o abriram, mas desconfiaram que poderia haver outras coisas no caixão e não o corpo. Esses comentários e desconfianças estão acontecendo entre os Xavante, com relação aos falecidos por COVID-19.

O governo enviou oficiais de justiça para os caciques que se recusaram a aceitar a Força Tarefa. A intenção era fazê-los responderem a inquérito policial e confirmar a sua postura. O número de mortes já estava diminuindo drasticamente, mas o fato de os caixões virem lacrados e haver o impedimento de abertura deles, assim como dos sacos de plásticos nos quais eram colocados os corpos das pessoas queridas, gerava sempre grande desconforto e muitos impasses por conta das tradições do grupo. Por um lado, foi a forte dimensão sagrada mantida pelos A'uwe diante de fato tão vital como a morte que

uma demonstração da intolerância com os povos originários do lugar, pois indicam a percepção de que os indígenas não deveriam ter sobrevivido à colonização.

16 de outubro de 2020

Boletim n. 08 – A questão étnico-racial em tempos de crise

fez com que esses povos tivessem a coragem de rejeitar a *Força Tarefa*. Por outro lado, esse fato também mostra que se deve dialogar acerca das interdições da nossa sociedade quanto ao modo A'uwe de preparo dos corpos para o sepultamento. Os A'uwe sabiam quando os corpos eram enviados para sepultar sem roupa e sem os ornamentos próprios da nossa sociedade, do mesmo modo que sabiam quando os órgãos tinham sido retirados ou se havia água dentro do caixão. Eles sabiam não somente por causa da observação de detalhes com que são acostumados, mas certamente também porque esses caixões precisaram ser abertos para que os corpos dos parentes e amigos fossem manipulados pela comunidade, conforme as tradições *A'uwe*, pois houve casos de envio até de corpos pelados para serem sepultados como se não fossem gente.

Aloir Pacini é padre jesuíta, antropólogo e professor da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.

Este texto é parte de uma série de boletins sequenciais sobre a questão étnico-racial em tempos de crise que será publicada ao longo das próximas semanas. Trata-se de uma ação conjunta que reúne a Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), a Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e a Associação dos Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM). Esse é um esforço para continuar dando visibilidade ao que produzimos e afirmar a relevância dessas ciências para o enfrentamento da crise que estamos atravessando.

A publicação deste boletim também conta com o apoio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC/SC), da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE), da Associação Nacional de Pós-Graduação em História (ANPUH), da Associação Nacional de Pós graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (Anpur).

Acompanhe e compartilhe!

